

Heitor FRÚGOLI JÚNIOR¹

ARRUDA, M. A. do N. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: Edusc, 2001.

Como se sabe, os anos 50 representaram um período decisivo na configuração de um novo ciclo de modernização brasileira, marcada, no plano político-econômico, pelas mudanças advindas da gestão JK, com uma ampla abertura ao capital estrangeiro, voltada à modernização industrial em torno da produção de bens duráveis de consumo, centrada na indústria automobilística e implementada pelo Plano de Metas, que incluiu a construção da nova capital nacional, Brasília – enquanto o governo anterior, de Getúlio Vargas, dera prioridade ao capital nacional e estivera concentrado na produção de bens de capital, como a siderurgia.

Vivia-se, principalmente nos maiores centros urbanos, toda uma renovada atmosfera de modernidade – no sentido consagrado por Berman (1986), como experiência histórica marcada por um verdadeiro redemoinho de novas possibilidades –, com fortes repercussões na esfera da produção cultural, que ganhou, no caso do Rio de Janeiro, uma das sínteses mais expressivas. No plano urbanístico, o contexto carioca, que, vale lembrar, já abrigava o primeiro edifício modernista – o Ministé-

¹ Departamento de Antropologia, Política e Filosofia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

rio da Educação e Cultura, desenhado por Le Corbusier e desenvolvido por Lúcio Costa – teve nos anos 50 obras como o Conjunto Residencial do Pedregulho, de Affonso Eduardo Reidy – na época uma referência modernista de moradia social –, além do Parque Guinle, de Lúcio Costa, e a Casa das Canoas, de Niemeyer (que já participara do projeto do Conjunto da Pampulha, em BH). Lá também tivemos o neoconcretismo (resultante de uma ruptura com a vertente paulistana), presente na poesia e nas artes plásticas – por exemplo, Ferreira Gullar, Lygia Clark, Hélio Oiticica, entre outros –, além da criação da Bossa Nova – com destaque para Tom Jobim, João Gilberto e Vinícius de Moraes –, sem falar que o Rio foi também sede de boa parte do movimento do Cinema Novo, a partir de filmes como *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos (VENÂNCIO FILHO, 2001).

A cidade de São Paulo, entretanto, que já vinha passando por uma significativa metropolização nas décadas anteriores, também atingiu, ao longo dos anos 50, a condição de metrópole cultural – em que pesa um forte legado do modernismo de 1922 quanto ao experimentalismo vanguardista, sem falar da constituição das organizações de cultura e a institucionalização da vida universitária –, com a emergência de um conjunto de novas produções nos campos artístico, literário, arquitetônico, teatral, cinematográfico e também nas ciências sociais. É o que mostra com arrojo e profundidade o livro *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*, de Maria Arminda do Nascimento Arruda, cuja pesquisa, valendo-se de uma vasta fonte de dados documentais, foi apresentada originalmente como tese de livre-docência no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Entre os vários méritos do trabalho, está o de articular as relações entre uma multiplicidade de linguagens, presentes nas produções culturais, e as profundas mudanças sociais em curso no meio urbano. Embora situadas em campos distintos e com graus diversos de intencionalidade, tais linguagens metropolitanas seriam marcadas por um modo particular de conceber, com intensidade variável, as relações e tensões entre os pólos da tradição e da modernidade, estabelecendo diálogos cruzados que marcariam a pluralidade cultural paulista – nesse caso assinalada, de modo geral, pela forte ruptura com o passado. Assim, nas palavras da autora, “o social passa a ser tratado do ângulo das experiências, no plural, instituindo as singularidades e enfatizando os aspectos criativos da cultura e os modos próprios das suas representações e dos seus desdobramentos” (p.47-8).

Isso permite que Maria Arminda articule, de forma bastante original, produções a princípio distintas, como o teatro de Jorge de Andrade, a sociologia de Florestan Fernandes, as vanguardas concretistas – com destaque para o papel de Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari –, além das questões ligadas à montagem do Parque Ibirapuera e à criação do Museu de Arte Moderna no eixo São Paulo – Rio de Janeiro.

A própria autora ressalta a influência, em sua análise, do livro *Viena fin-de-siècle*, de Carl Schorske (1988) – que articulou num único sistema cultural a análise de diversas produções modernistas vienenses inovadoras na passagem do século XIX para o XX, num panorama de mudanças políticas ligadas à ascensão e à queda do liberalismo. Tendo em vista um dos argumentos centrais de Schorske – o de que, ao longo da modernização ocorrida no período já referido, operou-se um rompimento drástico da produção cultural com a história –, Maria Arminda retoma tal tema com relação ao cenário paulistano, pois, guardadas as diferenças contextuais, São Paulo gerou, também numa condição periférica, uma cultura universalista marcada pela recusa da história e pela fragmentação e descontinuidade das linguagens (p.48-50).

Com esse pano de fundo, a autora envereda pela análise da obra de Florestan Fernandes desse período – sobretudo os trabalhos de mestrado e doutorado sobre a sociedade tupinambá (FERNANDES, s. d.; 1970) –, na qual o autor “põe em andamento uma forma de reflexão sociológica absolutamente comprometida com a idéia universal de ciência e que se exprime no modo pelo qual constrói o seu discurso” (p.36), em que é transparente a identificação entre a sociologia – ciência então diversa de história – e a promoção do progresso (ver capítulo 3). Também sob essa chave, ressaltando relações e similitudes em campos distintos cujas linguagens se aproximam, pode ser apreciada a análise da dramaturgia moderna de Jorge de Andrade, centrada nos excluídos e deserdados pela modernização, enfocando a erosão da velha ordem agrária ante uma urbanização inquietante e marcada pelo mal-estar (capítulo 2), bem como a experiência concretista, que radicalizou um experimento de renovação da linguagem poética marcado pela ruptura com a expressão, temas e dimensões estetizantes dos anos 40, articulando-se às novas temporalidades e espacialidades metropolitanas (capítulo 4).

Dentro do enorme escopo de temas tratados, cabem breves comentários também sobre questões urbanas suscitadas pelo livro, sobretudo quanto às relações, discutidas no capítulo 1, entre a cidade e o urbanismo modernista, quando, no bojo das comemorações do IV Centenário (1954), foi projetado o Parque Ibirapuera, a cargo de Niemeyer, de gran-

de importância simbólica quanto à intenção da construção de um espaço público concebido sob o signo do ordenamento, o que revelava uma aspiração burguesa modernista para São Paulo, mas que veio a se tornar muito mais uma espécie de enclave modernista no interior da cidade industrial. Ainda que a autora enfatize, nesse projeto, o desejo de se criar na metrópole uma forte referência modernista, de fato o urbanismo em São Paulo pauta-se por uma paisagem efetivamente fragmentada e descontínua – tema, como vimos, bastante explorado pela autora, embora não nesse caso –, ante o papel descomunal desempenhado pela iniciativa privada (em suas alianças, muitas vezes ilícitas, com o Poder Público) e pelo próprio Estado, quando se pensa, por exemplo, no papel do Plano de Avenidas, durante a primeira gestão municipal de Prestes Maia (1938-1945), que com certeza ajudou a configurar uma cidade moderna, mas não modernista.

Pelos motivos até aqui tratados, o trabalho de Maria Arminda faz uma contribuição de vulto à sociologia da cultura, iluminando a compreensão de muitos dilemas enfrentados ainda hoje, em nossa problemática modernidade. Ainda mais porque naquele período formularam-se questões que, segundo a autora, não tiveram pleno desdobramento, sobretudo ante as drásticas mudanças trazidas, no plano político, pelo golpe de 1964 e, no plano cultural, pelo desenvolvimento de uma indústria cultural comprometida com a política de integração nacional do regime militar, acarretando “uma espécie de amnésia do passado”, que o presente livro dá valiosas pistas quanto a um possível resgate.

Referências bibliográficas

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

FERNANDES, F. *A organização social dos tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso, s. d.

_____. *A função social da guerra entre os tupinambá*. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1970.

SCHORSKE, C. E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

VENÂNCIO FILHO, P. Rio de Janeiro, 1950-1964. In: BLAZWICK, I. (Ed.) *Century City: Art and Culture in the Modern Metropolis* (Catalogue of the Exhibition at Tate Modern, London, Feb. 1st Apr. 29, 2001). London: Tate Gallery Publishing, 2001. p.176-97.